

**I**

Disse Dólar pegando seu rechonchudo Cifrão no colo:

— *Hei* Capacho, onde iremos investir parte de nossos capitais este ano? Tem alguma ideia inovadora?

Capacho, tentando ser o mais competente e o mais perspicaz possível, responde em tom de reverência ao seu grande e poderoso patrão:

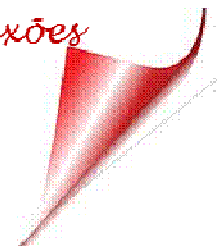
— Pensei em algo sim, Mr. Dólar. Venho trabalhando nesta pesquisa a mais de seis meses. Após muito trabalho, muita coleta de informações, descobri algo que é ao mesmo tempo muito bom e também ruim para o Senhor.

— Vamos, diga logo homem, desembucha. Sabe muito bem que não tenho tempo a perder. Meu tempo é dinheiro.

— Sim Mr. Dólar. A coisa boa de nossa capacidade de investimento nos últimos anos é que agora estamos em todo o mundo. Não há um único lugar no mundo que não tenha parte de nosso capital investido. O trabalho está completo. Desde seus ancestrais, os primeiros industriais, até o belíssimo Império que o Senhor construiu, conseguimos, enfim, abraçar o mundo inteiro. O mundo inteiro é uma arena na qual o Senhor e os demais como o Senhor podem exercer todo domínio. Domínio, aliás, que vocês exercem muito bem. Esta é a parte boa.

— Vamos, diga logo, qual é a parte má que poderia haver nisto?

— Seu Império, Mr. Dólar, só pode continuar existindo se crescer cada vez mais. Se parar de crescer, ele implode. Se estamos no mundo inteiro, não há mais para onde crescer. Essa



é a parte má, meu Senhor. Temos que encontrar outra forma de crescer, ou pelo menos, encontrar mais um lugar para crescer, mesmo que seja o mais remoto.

— Ora bolas, eu te pago uma fortuna de salário para você vir me dizer aquilo tudo que já sei? Não me faça perder a paciência com você, Capacho. Paguei seus estudos na melhor universidade do planeta. Você se tornou um dos maiores intelectuais do mundo, o maior economista de todos os tempos e só consegue me dizer essas obviedades? Faça-me o favor...

— Acalme-se Senhor. Temporariamente, pelo menos por enquanto, encontrei uma alternativa para manter o crescimento de nossos negócios em níveis adequados.

— Vamos, diga-me, já estou ansioso — disse Dólar esfregando o dedo polegar no dedo indicador, fazendo aquele sinal característico de quem quer mais dinheiro.

— Descobri uma terra, meio isolada, que promete frutuoso investimentos.

— Que terra esta, vamos, diga-me? — Disse ansiosamente o grande Dólar.

— Trata-se, Mr. Dólar, da fabulosa Midas. Ilha relativamente grande, com população consideravelmente grande, mas que ainda não se curvou diante de nossos interesses. Não se curvou por que tenha grande exército ou qualquer outra coisa que permita, pela força, se manter como é. Não se curvou até hoje por que simplesmente nada do que temos a oferecer interessa a este povo. Se conseguíssemos fazer com que se curvassem ante o capital, ante o dinheiro e tudo o que isto implica, ou seja, progresso, tecnologia, crescimento, crescimento... — Pensou um pouco, tentando encontrar outros qualificativos para seu mundo, mas como mais nada lhe veio à cabeça, repetiu mecanicamente — crescimento, crescimento... Bem, meu Senhor, é isto. É uma prodigiosa possibilidade.

## II

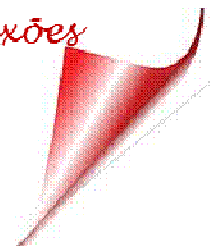
A fabulosa Midas, terra fantástica. Lá não se via grandes indústrias, muito menos multidões de operários. Lá não se via grandes cidades, muito menos favelas. Lá não se via uma multidão de automóveis, muito menos engarrafamentos. Lá não se via riqueza, muito menos pobreza. Midas, a terra fantástica que vive isolada a mais de três mil anos.

Midas possui cinco grandes lideranças, que são, na verdade, expressão dos interesses comuns de toda a população. Não são lideranças por que tem poder, são lideranças por que exprimem os interesses gerais de toda a sociedade midanesa. São elas: Natureza, Solidariedade, Paz, Amor e Luta.

**Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014**

**[15]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*

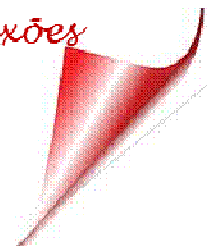


Estas lideranças não são, em verdade, pessoas, são muito mais princípios que organizam toda a coletividade. A Natureza, a Solidariedade, a Paz, o Amor e a Luta são as bases sobre as quais se erguem os princípios éticos, filosóficos, culturais, sociais, econômicos desta sociedade. Midas só consegue ser o que é até hoje por que suas lideranças nunca foram corrompidas. Trata-se de lideranças que encarnam o modo geral de ser da sociedade midanesa.

A Ilha de Midas vive cercada por toda a sorte de maravilhas que o capital consegue edificar. Ao norte da Ilha, está o Império das Bananas Fardadas. Trata-se de uma horrível ditadura, que já perdura a quase um século. Este império, império pobre, mas mesmo assim império, vive engraxando os sapatos da família Dólar, da família Euro e da família Yen. Mas dentro do Império das Bananas Fardadas existe uma pequena elite de coturno militar que prolonga seu poder e seu reino de morte e tortura há séculos. Esta pequena elite, embora submetida às grandes famílias do mundo, tem grandes privilégios dentro do Império. Enquanto toda a população, que vive amedrontada e torturada, come do café da manhã ao jantar, diferentes tipos de bananas, a elite encoturnada come refeições belíssimas, sabores vindos de todas as partes do mundo. É por isto que esta elite não se resigna nenhum pouco em se submeter de bom grado aos Dólares, aos Euros e aos Yens. Na verdade, adora fazer isto. O povo das Bananas, pelo contrário, vive esmagado pelos coturnos.

Ao sul e ao leste, encontra-se a República do Cassetete de Borracha. Esta república vangloria-se para todo o mundo a efetividade de seu sistema democrático. Critica sem a menor piedade o sistema de horror e autoritarismo presente no Império das Bananas Fardadas. A democracia na República do Cassetete de Borracha se apresenta como o melhor sistema político possível. Nesta democracia também está presente uma pequena elite, que ao invés da farda e do coturno, usa o terno e a gravata. O terno e a gravata são os símbolos da distinção desta pequena elite política. Nesta democracia, onde o povo vota de quatro em quatro anos, os políticos não se cansam de repetir: “Aqui quem manda é o povo”. Contudo, ao menor levante, à menor reclamação, ao menor motim do povo contra a pequena elite, aparece a ira democrática dos cassetetes de borracha.

A oeste da ilha, estende-se um fabuloso litoral, que Midas não permite que ninguém tome dela, embora não proíba ninguém de usá-lo. O que separa Midas do Império das Bananas Fardadas e da República dos Cassetetes de Borracha é um fabuloso complexo montanhoso com vertentes escarpadas extremamente íngremes. Este complexo montanhoso e o mar tornam a Ilha



de Midas bastante isolada. Um outro aspecto que permitiu Midas se tornar um Oasis Social foi um pouco, poderíamos dizer, de sorte histórica.

Quando os Euros e os Dólares estavam à procura de novos mercados e de novas áreas para expandir seus capitais, as vítimas primeiras foram os povos que hoje compõem os países que acabamos de descrever, ou seja, os Coturnos e os Cassetetes. Midas, por se encontrar em situação geográfica tão singular foi sistematicamente sendo esquecida pelos grandes impérios mundiais. O capital, a cobiça, o progresso não fizeram parte da história de Midas. Foi assim que a Natureza, a Paz, a Solidariedade, o Amor e a Luta se tornaram as grandes lideranças do povo midanês.

### III

Com muita dificuldade, Capacho conseguiu uma reunião de Dólar com as lideranças midanesas. Com um terno impecável, apareceu Dólar diante daquelas figuras tão profundas e tão serenas. Dólar, com seu horrível rechonchudo Cifrão no colo, cumprimentou o distinto grupo que o cercava com olhar desconfiado.

De imediato, Luta perguntou:

— Onde estão seus velhos aliados Euro e Yen? Nunca vi nenhum de vocês agirem isoladamente?

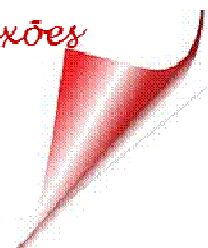
— Estou tentando me desvencilhar deles. Quero agir sozinho agora — disse Dólar educadamente.

— A que devemos tão distinta visita? — Pergunta ironicamente Solidariedade.

— Na verdade, como sabem — acaricia seu Cifrão — sou um homem de negócios. Quero negócios. Tenho muito a oferecer a vocês. Midas está atrasada em relação ao restante do mundo. Vejam a maravilha que fizemos. Enchemos a órbita terrestre de satélites, nos comunicamos na velocidade da luz. Produzimos transportes tão rápidos que pode-se dar uma volta ao mundo em menos de 24 horas. O livro de Júlio Verne não teria o menor sentido nos tempos atuais. Criamos cidades poderosas, gigantescas, indústrias as mais belas e mais ciclópicas. Produzimos uma tecnologia que Midas jamais conseguirá desenvolver sozinha. Midas tem que entrar na roda da história. Não pode ficar de fora disto.

Responde Luta com ar sarcástico:

— Engraçada sua exposição. Gostei muito mesmo, Mr. Dólar. Mas gostaria que você me descrevesse um pouco sobre as maravilhas dos porões de tortura existentes aqui no nosso



vizinho Império das Bananas Fardadas. Gostaria também que me descrevesse um pouco das maravilhosas favelas da República dos Cassetetes de Borracha. E os mortos de fome na África, na Índia, na América Latina? Agora recentemente, no início do século 21, os desempregados que se reproduzem como colônias de bactérias nos países do Euro? Convença-nos de que essas coisas não ocorrerão aqui e aí podemos começar nossa conversa.

Dólar já olhou com certa reserva para Luta, identificando ali alguém difícil de convencer. O sublime Amor, até então calado, pergunta:

— Como compatibilizar a maravilha do encontro, do amor, da fraternidade, da felicidade com o mundo que você propõe? Não vi isto acontecer em lugar nenhum do mundo e não acho que acontecerá aqui também. O capital é incompatível com o amor. Vocês são bichos ferozes que para existirem enquanto tais devem aniquilar os que os cercam. A fraternidade é incompatível com seu mundo, pois nele reina a ambição, a agressão, a violência.

De imediato, Solidariedade complementa:

— Como é possível diante de um reino de competição, desconfiança, ambição e perseguição, resistir a verdadeira e necessária solidariedade entre as pessoas? Não vejo isto existindo em seu mundo. E se vocês aqui se instalarem, também aqui deixará de existir.

A grande e diversa Natureza completa:

— Mr. Dólar, em seu mundo, até onde sei, tudo o que é dado pela natureza vira meramente parte de um processo mercadológico de apropriação do mundo. A natureza, como coisa dada a ser usufruída e usada vira propriedade e tende em todo lugar onde vocês estão a morrer.

Por último, arremata Paz:

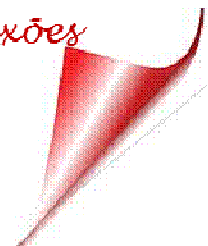
— Mr. Dólar, diante de tudo isto, não vejo a menor possibilidade de sairmos daqui com qualquer acordo. Onde há capital, não há paz. Pra vocês, homens de gravata e sem escrúpulos, a vida não é limite. Vocês passam por cima de toda e qualquer forma de vida que se oponha a seus interesses. Assim, são contra a paz, são contra o amor, são contra a solidariedade e são contra a natureza. Com vocês, não há que negociar, há que combater, há que lutar.

Dólar perplexo com aquele tratamento, pois habituado a ser bajulado por todos, não conseguiu proferir qualquer palavra. Ficou calado, embasbacado com aquele tipo de argumentação, mas principalmente com a petulância daquele país minúsculo e sem sentido lhe dizer aquele tanto de impérios (ou seriam verdades?).

**Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014**

**[18]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



Recompondo-se e, em tom de comerciante que venderia a própria mãe, conseguiu dizer:

— Vejo que este distinto grupo arrogando-se para si O Bem da humanidade não está disposto a negociar. Meus caros, o mundo é um negócio e nós vamos negociar.

#### IV

Em outro dia, em momento oportuno, Dólar com seu Capacho conseguiu reunir-se isoladamente com Natureza, identificada como a mais fácil de ser submetida:

— Minha grande e diversa Natureza, está muito bela hoje!!! Em nosso último encontro ficou com má impressão de mim. Vim reformular a proposta.

— Não há por que perdermos tempo com isto...

— Ouça — disse interrompendo a diversa Natureza — Nós erramos muito, melhor, nossos ancestrais erraram muito... Poluíram sem dó nem piedade. Desmataram, construíram usinas nuclear, poluíram o ar, as águas, eliminaram grande parte da biodiversidade, mataram rios, animais, plantas etc. Mas hoje, grande Natureza, temos tecnologia e dinheiro suficientes para recuperar tudo o que foi perdido. Nosso dinheiro compra a recuperação da natureza. Nossa tecnologia destrói, mas reconstrói. Hoje, temos tudo. Quanto a isto, não precisa se preocupar. Midas estará segura. Recuperamos rios, criamos leis que protegem espécies vegetais e animais, criamos tecnologias que diminuem poluentes na atmosfera. Nosso dinheiro compra pesquisas científicas que são aplicadas nisto. A senhora estará segura, se deitar em nosso berço de dólares.

Natureza tenta reagir, mas não tem os meios necessários para isto. Passivamente, foi caindo nos braços de Dólar. Este, com olhar inescrupuloso, com a face triunfante, apertou firmemente a grande dívida do Universo e do meio dos braços sujos do dinheiro, brotou um mar de bosta. E eis que a grande e diversa Natureza, submetida ao capital, converteu-se em pura merda.

#### V

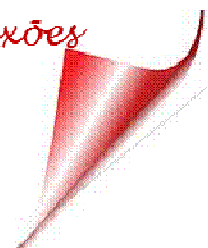
Com todo o poder adquirido com a exploração de Natureza, Dólar se aproxima de Solidariedade. Com voz jocosa, olhar triunfante, face jubilosa, sentencia:

— Veja tudo o que já criei em Midas. Não há mais lugar aqui para você. Em todo o lugar é perceptível minha presença. Veja aquelas fábricas de cimento, aquelas siderúrgicas, aquelas plantações de *commodities*, as cidades que crescem, os carros que proliferam. Toda a população corre sem saber para onde e nem por que. Simplesmente correm, por que é assim que

**Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014**

**[19]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



eu existo. Não estou agora, só nos lugares, já estampo os corações das pessoas. Seus desejos são edificadas conforme eu quero. Eles compram o que não precisam, tem o que não querem, querem o que não podem ter e assim eu vivo, sempre me satisfazendo da insatisfação deles. Solidariedade, não há mais lugar aqui para você. Não acha?

— Realmente você manipulou muita coisa, quase tudo. Não negocio com você. Não posso ser solidária com algo que me nega. Sozinha, isolada das outras lideranças, não tenho forças para resistir. Sinto seu império contaminando minhas terminações nervosas. Não consigo mais tolerar. Sinto-me derrotada.

Solidariedade se ajoelha, beija os pés sujos de Dólar. Neste momento, o que se vê é um monturo de bosta que se estende por quase toda a ilha. Diante da limpeza e originalidade da solidariedade humana, o que restou foi o monte de bosta produzido pela concorrência.

E Dólar, nadando na merda, ri triunfalmente.

## VI

Paz e Amor conversavam alegremente e se tocavam de maneira muito sensual. Dólar, agora muito maior, muito mais poderoso, por isto mesmo muito mais persuasivo, aproxima-se de ambos.

De imediato, o sublime Amor grita:

— Que fedor de bosta está esta nossa Midas!!!

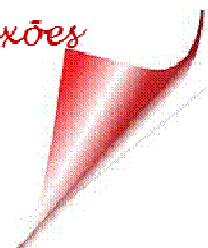
Também, com uma cara de nojo, retruca a suave Paz:

— Realmente! Mas veja quem está ao nosso lado. Não é o grande patrão? Não é o grande Mr. Dólar? Sua fedentina espalha-se por quilômetros. Do outro lado da cadeia de montanhas, sente-se o fedor que sai de seus poros. Arrgg como você fede.

— Minha senhora! Meu senhor! Perdão pelo meu terno está assim tão sujo, mas antes sujo e com o bolso cheio do que limpo, mas com bolsos vazios. Como devem saber, nem Natureza, nem Solidariedade estão mais com vocês. Convenci-as dos benefícios de se converterem ao capital. Agora Midas está no eixo da história: tem tecnologia, tem progresso, tem cidades, tem automóveis, indústrias, exército... Vejam a maravilha que construí.

— Maravilha? — pergunta sarcasticamente o sublime Amor.

— Distintos, não estou aqui para negociar. Este momento já passou. Estou aqui para consolidar meu domínio sobre as terras fantásticas de Midas. Não vou agir com violência física



sobre vocês dois, pois sendo somente Paz e somente Amor, não poderão oferecer a mim qualquer resistência. Vamos, curvem-se logo. Ajoelhem-se diante do Todo Poderoso Dólar.

A Paz não pode fazer guerra. O Amor não pode gerar ódio. Sem os meios necessários para qualquer resistência, ambos colocam os joelhos sobre o chão cheio de merda. Paz e Amor beijam os sapatos caríssimos e sujos de Dólar e mais uma enorme avalanche de bosta se espalha por Midas. Camadas e mais camadas de merda sobrepõem-se umas sobre as outras.

O litoral, que antes era belo e de uso comum, agora está cheio de cercas e uma fina camada de merda se estende pela água tornando-a um imenso esgoto. As florestas que margeavam toda a cadeia montanhosa cederam espaço para as monoculturas de cana e de soja. Em cada uma destas áreas cresceram poderosas e gigantescas indústrias que processam toda matéria-prima retirada dos campos. Gigantescas cidades proliferaram pela ilha, sobretudo a capital. Ali, milhares de migrantes vindos dos antigos campos cultivados, que agora são soja e cana, entulham a capital. Favelas miseráveis se ergueram em quase toda a cidade. Indústrias poluentes e mal-cheirosas se espalharam como erva daninha. O centro histórico da cidade, com construções que chegavam a ter três mil anos de existência foram demolidas para a construção de vias de rápido acesso para a circulação de carros.

Midas agora era uma autêntica república capitalista.

## VII

Restou, como restou em todos os lugares nos quais o Império de Dólar se estabeleceu, a existência, ainda, da guerreira Luta. Ela estava lá, não mais com a força, não mais com a quantidade adequada, mas estava lá. Sempre perseverante, Luta continua mantendo seu espírito de combate, sua determinação, sua ação.

Luta vive.

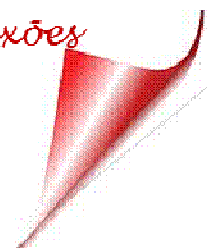
E Dólar sabe disto.

Tentou Dólar com ela diálogos sucessivos. Todos fracassados. Luta não negocia, combate. Diversamente de Natureza, de Paz, de Amor e de Solidariedade, que o capital facilmente submeteu, Luta nunca se rende. Dólar reúne, então, toda a força que dispõe para submetê-la. Cria uma pequena elite em Midas. Faz com que esta elite se alie com as elites do Império das Bananas Fardadas e da República dos Cassetetes de Borracha. As três elites reúnem suas forças militares e, *in bloc*, tentam submeter a guerreira Luta.

**Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014**

**[21]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*





Em vão, massacram-na aqui, ela ressurge acolá. Esmagam-na no Império das Bananas Fardadas, ela ressurge na República dos Cassetetes de Borracha. Estraçalham-na na República, ela torna a ressurgir em Midas. Aniquilam-na por completo na República, no Império e em Midas, ela ressurge com violência nas terras do Euro, do Yen e do próprio Dólar. Não há como controlá-la. Ela está em todos os lugares onde o capital se instala.

Luta não negocia com Dólar. Não negocia com Euro ou Yen. Muito menos negocia com suas elites locais. Luta existe por que resiste. Ao resistir, cresce. Ao crescer, se fortalece. Ao se fortalecer, ameaça. Ao ameaçar, se amplia.

Dólar, verde raiva, grita:

— Que diabos, em qualquer lugar onde eu esteja, lá está esta tal de Luta. Quando daremos um fim nisto?

Responde Luta, com o peito estourando de tanta segurança:

— *Eu sou o irredutível, aquilo que você não pode transformar em bosta.* Eu existo em cada coração que não se resigna. Eu existo em cada corpo que sofre e se rebela. Eu existo em cada coletividade oprimida que nega sua opressão. Eu existo na greve. Eu existo no protesto, na manifestação. Eu existo onde você existe. Eu sou o seu exato contrário. Tudo o que você afirma, eu nego. Tudo o que você nega, eu afirmo. Dos dentes quebrados de sua engrenagem, necessariamente emerge a pertinácia, a audácia, o questionamento. Eu sou a expressão mais ou menos acabada que emerge de suas contradições insolúveis. *Você não pode se livrar de mim, mas eu posso te aniquilar.*

